

A experiência literária como um campo expandido: entrevista com Maria Cristina Cardoso Ribas

Profa. Dra. Maria Cristina Cardoso Ribas (UERJ/FAPERJ/CNPq)ⁱ

Entrevistadoras:

Marcela Azevedo (UERJ/CAPES)ⁱⁱ

Carla Oliveira (UERJ/CAPES)ⁱⁱⁱ

Débora Leão (UERJ/FAPERJ)^{iv}

Com imensa satisfação, temos o privilégio de apresentar a ilustre Professora Doutora Maria Cristina Cardoso Ribas como entrevistada deste número da revista discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), dedicado ao tema “Literaturas e Narrativas Audiovisuais: Interseccionalidade e Subversões”. Sua notável presença e competência em tal campo certamente enriquecerá os debates e as reflexões propostos nesta edição.

Doutora em Letras na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio pós-doutoral em Intermedialidades pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Ribas tem experiência em Letras, Comunicação e Formação de Professores, com ênfase em Teoria da Literatura, Literatura Comparada, Literatura Brasileira, Machado de Assis, Intermedialidades e Interartes. Com uma carreira

ⁱ Professora Associada e Coordenadora-adjunta do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. ORCID: <https://0000-0002-2289-4004> | Lattes: <http://lattes.cnpq/5649309114787011>.

ⁱⁱ Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CAPES). Editora-chefe da *Palimpsesto*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7913-6960> | E-mail: marcelaansaloni@hotmail.com.

ⁱⁱⁱ Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CAPES). Editora da *Palimpsesto*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4270-9686> | E-mail: oliv_carla@hotmail.com.

^{iv} Mestranda em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FAPERJ). Editora da Revista *Palimpsesto*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3267-9148> | E-mail: deboracristinaleao@gmail.com.

impecável, é professora em regime de Dedicção Exclusiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde 2011. Seus estudos sobre Intermidialidades são desenvolvidos também no Projeto Prociência (Faperj) e é Pesquisadora de Nível 2 do CNPq.

É autora de *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*, resultado da pesquisa empreendida no Arquivo Machado de Assis, no Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, e de *Leituras na contemporaneidade: olhares em trânsito*, com o Professor Doutor Paulo César Silva de Oliveira. Suas pesquisas atuais, publicadas em revistas especializadas nacionais e internacionais, derivam do Projeto Prociência e se voltam para análises e discussões das releituras de literatura na contemporaneidade, transposições midiáticas, literatura e cinema. Participa de diversos grupos de pesquisa e, em 2022, fundou o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Leitura, Literatura e Intermidialidade (NuPELLI).

Nesta entrevista, tivemos uma conversa interessantíssima sobre os caminhos de sua carreira, sobre o seu trabalho impecável em divulgar os estudos das Intermidialidades no Brasil, bem como seus campos diletos de estudo – as autorias de Machado de Assis, as transposições midiáticas e adaptações literárias para filmes e cinema, o cenário brasileiro da pesquisa intermedial, a corporeidade e o estado da Literatura na vida cotidiana do século 21. No campo do debate, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Felipe Neto, João Cezar de Castro Rocha, Carlinda Nuñez, Flora Süssekind e outras figuras fazem-se presentes, vivificando o diálogo que é necessário entre a academia e as massas, entre a universidade e o povo, entre a crítica e a mídia.

Com profundo apreço, expressamos nossa gratidão por sua disponibilidade em dedicar tempo para conceder esta entrevista.

PALIMPSESTO

1) Considerando o seu atual foco quase exclusivo nos estudos de Intermidialidades, poderia compartilhar conosco um pouco sobre sua trajetória acadêmica e as motivações que a levaram a se interessar por essa área de pesquisa?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

A minha trajetória acadêmica é totalmente entrelaçada à minha trajetória de vida e representa, de maneira não necessariamente harmônica, o desenvolvimento das minhas práticas da infância à maturidade. Sempre fui ligada às artes e atravessei a adolescência no meio dos livros, da dança e dos instrumentos musicais, e essa experiência lítero-artística é sintoma e resultado de uma percepção integrada dos modos de expressão, representação e análise.

Quando olho, lá atrás, minhas pesquisas na UERJ, desde os primeiros bolsistas de Iniciação Científica, e o primeiro dossiê da *SOLETRAS* que editei, em 2012, com o colega Paulo César Oliveira, em homenagem ao saudoso Latuf Isaías, já encontro o germen da Intermedialidade explodindo no solo epistemológico das minhas reflexões. Tratava esse encaminhamento na clave de Leituras Intersemióticas, pensando no jogo intertextual e na metodologia interdisciplinar como base da abordagem, trazendo, inclusive, o *ut pictura poesis* horaciano como antecipação da semiótica contemporânea.

Chamei a apresentação do dossiê de *Aproximações cambiantes*, que expliquei como um interregno em que forças e vozes em jogo são correlações lógicas entre variáveis, descrevem oscilações e operam com instabilidades. E, sob inspiração nietzschiana, referi-me a forças em instável contato e em atrito permanente: afirmação e negação, presença e ausência, verso e reverso travando, no gerúndio, uma luta entre o significante e o significado. Linhas de força presentes no sistema de signos, entendidos como interdependentes, não submissos e atuantes como formas de interrogação, interação e compartilhamento entre sujeitos, bem como entre literatura e outras artes.

Além desses, outros elementos constituintes sempre apareciam nas minhas leituras: por exemplo, a problemática do princípio de fidelidade ao texto de partida, como critério de valoração do texto de chegada – questionamento que demanda uma revisão conceitual em torno do literário e diz respeito ao esforço de *comparar sem hierarquizar*, trabalho que apresentei no 56º Congresso de Americanistas (ICA) na Universidade de Salamanca, em 2018. Trata-se de um pressuposto vital aos estudos literários: como comparar fora dos enquadres hierárquicos que estigmatizam as obras em diálogo? Como entender, sem meramente rotular numa escala binária, os efeitos das hibridações?

Pois bem, então me dispus a me dedicar ao estudo intensivo das múltiplas formas de relação entre as artes, para começar a entender que a proposta interartística não dava

conta da expansão cada vez mais frequente das narrativas em múltiplos suportes e materialidades, nem a abordagem semiótica me parecia suficiente para lidar com o funcionamento e a constituição (sempre) híbrida da literatura.

Foi quando encontrei, ao pesquisar na internet, o *e-book* organizado por Thaïs Flores Nogueira Diniz, *Intermedialidades e Interartes: Desafios da Arte contemporânea*, volume dois. Por meio desse livro, conheci a abordagem teórico-crítica Intermedialidade (trazida ao Brasil por Claus Clüver, através de Thaïs Flores Nogueira Diniz, pesquisadora e professora da UFMG), o que foi um marco fundamental nas minhas pesquisas. Logo corri atrás do primeiro volume, disponível como livro físico. Desse contato, interessou-me especialmente a abordagem literária das Intermedialidades formulada por Irina O. Rajewsky, da Universidade Livre de Berlim e do rol de pesquisadores que me abriram portas para essa teoria tão complexa, polêmica, em *stricto* e *lato sensu*.

Nessa trajetória, tive a satisfação de conhecer virtualmente o Grupo Intermídia (CNPq), liderado por Thaïs Flores Nogueira Diniz e Claus Clüver, do qual faço parte. A partir desse valioso contato, as minhas pesquisas foram ganhando a potência que o intercâmbio de conhecimento, estudos e experiência entre colegas de várias instituições de educação superior (IES) propicia. É importante tomar ciência das pesquisas internacionais, dos livros, de outros pesquisadores, bem como das universidades brasileiras que estão entrando na cena intermediária – conforme indica um detalhado estudo de Thaïs Flores Nogueira Diniz no livro que organizamos com Alex Martoni no ano passado, em 2022. Moral da história: a trajetória está sempre “em se fazendo”, na saudável errância do conhecimento.

PALIMPSESTO

2) A área de estudos de Intermedialidade é considerada relativamente nova no contexto acadêmico brasileiro e apresenta uma quantidade reduzida de grupos de pesquisa ativos nas universidades do país. No entanto, um trabalho intenso vem sendo realizado pela senhora para consolidar as pesquisas dessa área no programa de Letras da UERJ, por meio do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Leitura, Literatura e Intermedialidade (NuPELLI), o qual coordena. Gostaria que a senhora explicasse brevemente em que consiste essa pesquisa e falasse sobre os resultados obtidos até o momento.

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

Os estudos de Intermidialidade são relativamente novos no mundo todo e, na verdade, o trabalho brasileiro em colaboração com Claus Clüver, um pioneiro na área, faz do Brasil um dos locais com fortes discussões sobre o tema. É urgente, porém, o reconhecimento da necessidade dos estudos intermediários e de sua consolidação em nosso estado.

O Grupo Intermídia, com sede na UFMG, liderado por Thaïs Flores Nogueira Diniz e Claus Clüver, congrega pesquisadores de várias IES brasileiras que vêm se debruçando sobre o complexo e urgente debate acerca da Intermidialidade, bem como o GT da Anpoll, Intermidialidade: literatura, artes e mídias, atualmente coordenado por Ana Munari Domingos, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Entre os vários nomes atuantes nas universidades brasileiras, cito Márcia Arbex, Professora Titular da UFMG, voltada aos estudos de palavra/imagem e principal tradutora, no Brasil, de Liliane Louvel, da Universidade de Poitiers; Ana Luiza Ramazina Ghirardi, da Unifesp; Angélica Amâncio, da Université Lyon III; Brunilda Reichmann e Greicy Bellin, da Uniandrade; Cristine Fickelscherer de Mattos, da UPM; Miriam Vieira, da UFSJ; Alex Martoni, da PUC Minas.

Dos representantes internacionais, não posso deixar de citar os trabalhos da pesquisadora da Universidade Livre de Berlim, Irina O. Rajewsky, com sua abordagem literária das Intermidialidades e reiterada revisão teórico-metodológica 25 anos depois, e do saudoso Lars Elleström, da Universidade de Linnaeus, na Suécia, que é uma base potente nos estudos do Grupo Intermídia.

Destaco, de sua vasta e sistematizada formulação, as quatro modalidades das mídias – material, sensorial, espaço-temporal e semiótica, que conferem forte contribuição metodológica ao campo da percepção, sem se reduzir meramente ao modelo cognitivo. Infelizmente, Lars nos deixou subitamente no ano passado. Temos, no entanto, a honra de ter um de seus estudos no livro que organizamos em 2022 e dedicamos em sua memória, intitulado *Estudos de Intermidialidade: teorias, práticas, expansões*, que reúne trabalhos recentes de vários pesquisadores.

É importante falar também de Jørgen Bruhn, professor de Literatura Comparada da mesma universidade sueca, e James Cisneros, professor da Faculdade de Artes e

Ciências do Departamento de Literatura e Línguas do Mundo e membro do *Centre de recherches intermédiales sur les arts, les lettres et les techniques*, em Montreal.

Com todo esse percurso e imersão nas pesquisas intermediáticas, tenho trabalhado de maneira intensiva para difundir esse potente campo de saber na área de Letras da UERJ e contribuído ao máximo para acolher os interesses diversos dos graduandos e pós-graduandos voltados a todo tipo de relações entre mídias. Inclusive, no verbete de minha autoria, “Texto”, no livro *(Novas) Palavras da Crítica* (2021), organizado por José Luís Jobim, Nabil Araújo e Pedro Sasse, introduzo a noção de “configuração” e “texto” de acordo com Clüver e Rajewsky.

Nesse sentido, o NuPELLI é a concretização de um sonho antigo que está em franca consolidação. Na dimensão de pesquisa, está vinculado ao meu projeto Prociência e à bolsa de Produtividade em Pesquisa 2, do CNPq, trabalho que venho compartilhando nas disciplinas de graduação da FFP e nos cursos que venho oferecendo no PPLIN, no PPGL, nas palestras e no diálogo com o *Latin American and Caribbean Studies* (Lacsi), com o pesquisador Frans Weiser, da Universidade da Georgia, em Athens, instituição parceira do Convênio Internacional que coordeno pela UERJ.

Em seu caráter extensionista, o NuPELLI se volta ao público externo à Universidade. Apresenta, portanto, duplo alcance: colabora tanto para o desenvolvimento de competências e habilidades para a leitura integrada em diferentes mídias e linguagens quanto para o entendimento de literatura como experiência literária, não apenas sob domínio do intelecto, mas como requisição de uma sensibilidade intelectual (GUMBRECHT, 2010), alerta às diversas materialidades e conexões que constituem as artes e as mídias.

Uma das atividades do NuPELLI é a Cesta/Sexta Intermídia, que acolhe a diversidade de pensares e produções (de professores, pesquisadores, artistas, alunos ativos, egressos – dentro e fora da UERJ) e se constitui de combinações várias, numa ordem aparentemente aleatória e com certa informalidade. A transmissão das *lives* e a leitura dos currículos dos/as convidados/as, a criação das miniaturas, as postagens no Facebook e no Instagram com indicação de leituras, exposições, comentários, bem como os formulários de presença são feitos pelos graduandos (bolsistas de Iniciação Científica, Extensão e voluntários), membros do grupo responsável pelas Cestas, que ocorrem na última sexta-feira do mês, às 18h.

Até o momento, tivemos sete episódios da Cesta/Sexta Intermídia, pelo StreamYard, que estão gravados em nosso canal: <https://www.youtube.com/channel/UCA14Oz-TKsBt4fpf5GBYpvQ>. Temos mais duas já programadas. Para que conheçam a modalidade das Cestas, exemplifico:

1. “As mil e uma noites: midialidades em Scheherazade, parte 1 – a estrutura de encaixe”. Cristine Fickelsher de Mattos, pesquisadora e professora (UPM);
2. “Os jardins de caminhos que se bifurcam – Narrativas Interativas”, Pedro Sasse, professor (UFF);
3. “(Re)existir: a (p)arte das (n)ações esquecidas”. Jefferson Medeiros, músico, artista plástico, egresso da UERJ;
4. “As mil e uma noites: midialidades em Scherazade, parte 2 – referências picturais”. Cristine Fickelsher de Mattos, pesquisadora e professora (UPM);
5. “Introdução ao Universo poético-musical do Mediterrâneo e Oriente Médio”. Pedro Rebello, professor e músico multi-instrumentista;
6. “Além da canção: ambiências, poesia sonora e videoclipe”. Marcus Rogério Salgado, pesquisador, músico (*performance* e música eletrônica) e professor (UFRJ);
7. “Conspiração e decadência: o Noir em perspectiva Intermidiática”. Pedro Sasse, professor (UFF) e Mateus Assunção (graduando na UERJ);
8. “Dimensões do ritmo na prosa machadiana”. Pesquisadora e professora Greicy Bellin (Uniandrade);
9. “Dança, poesia, imagem: releitura coreográfica na Andaluzia do século XV”. Luciana Midlej, pesquisadora, bailarina, coreógrafa e professora.

Com o objetivo de ampliar o público e a proposta do Núcleo, estão também em preparo oficinas intermediáticas para alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Walter Orlandini, em São Gonçalo. Será vivenciada com os alunos a experiência do olhar – percepção sensorial e leitura sinestésica – para as combinações e as referências dentro do texto literário e na relação da literatura com outras artes e mídias, especialmente em se tratando da transposição midiática: via de mão dupla, o processo de trans-formação da literatura para telas (cinema e TV), HQs, músicas etc.

PALIMPSESTO

3) Em meio ao lançamento da adaptação cinematográfica de uma obra literária, é comum observar ampla repercussão e discussões acerca do mérito do filme, frequentemente associadas à fidelidade em relação ao livro original. A senhora diz que “Na migração da literatura para o cinema – transposição midiática – é fundamental compreender de que maneira ambas as mídias (se) recriam, (auto) representam ou deslizam da realidade tradicionalmente tomada como referente, num processo não de apagamento ou exclusão, mas de iluminação mútua” (RIBAS, 2017, p. 2881). Desse modo, qual seria o papel dos estudos críticos ao se depararem com a relação entre adaptações cinematográficas e literárias, considerando as diferentes formas de recriação, representação e desvio da realidade que ocorrem nesse processo, em vez de buscar uma fidelidade absoluta?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

Podemos ampliar a questão da adaptação para a transposição midiática (*media transposition*, Raewsky, 2012) e entendê-la mais como processo de tradução do que resultado obtido desse processo. Com isso, mudamos o foco de interesse para analisar como foi formulada (projeto do diretor) e como funcionaram tais estratégias, ou seja, quais foram os efeitos de sentido provocados (no/a leitor/a e no/a espectador/a). Com esse *turning point*, o estatuto de fidelidade – que representa também uma ode nostálgica à perda da originalidade – perde a funcionalidade como critério de valoração absoluto. O impasse não se restringe às adaptações fílmicas de obras literárias, embora nelas seja mais visível em função da expectativa usual do público em querer desesperadamente encontrar na tela o “mesmo texto” lido na página e, claro, experienciar a conhecida frustração decorrente.

O pressuposto de fidelidade implica reproduzir o texto de partida (evito chamar texto fonte) *tal qual*, e não *como se*. Mesmo a reprodução – tida como a mais fiel – lida com negociações na transposição, considerando a impossibilidade de reprodução integral entre mídias: estamos falando de objetivos diversos, suportes distintos com materialidades específicas, contextos múltiplos, autorias e/ou equipes autorais diferentes, escritores, roteiristas, diretores, modos de (re)ler/assistir nem sempre similares. E as diferenças, as intervenções, os vazios são também outro texto com potência significativa. Trazendo alguns exemplos, é importante entender a proposta dos diretores, o contexto das produções e a reação do público ao ver a Alice de Tim Burton, a Capitu de Luiz Fernando

Carvalho, a Ariel de Rob Marshall... Quebra de expectativa? Erro de leitura? Apagamento da origem?

Robert Stam (2006, p. 19), em *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*, afirma que “Termos como ‘infidelidade’, ‘traição’, ‘deformação’, ‘violação’, ‘abastardamento’, ‘vulgarização’ e ‘profanação’ proliferam no discurso sobre adaptações, cada palavra com sua carga específica de ignomínia”. Ao longo de seus inúmeros trabalhos, o pesquisador americano reitera a frequência e a fragilidade do discurso elegíaco da perda, em que a retórica padrão lamenta o que foi perdido em detrimento do que ganhou. Afinal, enxergar o texto em sua configuração híbrida – e não na insistência da fidelidade a um “original” – já deveria fazer parte dos nossos modos de ler.

Compartilho, agora, a conhecida provocação de Robert Stam (2006, p. 22): “O ‘original’ sempre se revela parcialmente ‘copiado’ de algo anterior. *A Odisseia* remonta à história oral anônima, *Dom Quixote* remonta aos romances de cavalaria, *Robinson Crusoé* remonta ao jornalismo de viagem, e assim segue *ad infinitum*...”. Em relação à captação do (que seria) real, portanto, a correspondência do que se vê no presente não tem como ser a réplica de uma escrita palimpséstica anterior.

Adauto Novaes, ao trazer à cena a (im)possibilidade da relação mimética entre palavra e imagem (*Um ponto zero da fotografia*, 2003, p. 27), transcreve um depoimento do fotógrafo esloveno cego Evgen Bavcar: “A visibilidade não está, pois, nem no objeto nem no sujeito, mas no reconhecimento de que cada visível guarda também uma dobra invisível que é preciso ressignificar a cada instante e a cada movimento.” A seguir, conclui: “Pensar não é a apropriação do real, não é a apropriação intelectual do mundo, mas uma interrogação permanente que mobiliza não apenas o conceito, mas também os sentidos, o corpo por inteiro”. O depoimento de alguém que não tem a visão da transposição como reconhecimento, mas como recriação incide diretamente sobre o impasse e o equívoco de requerer a reprodução impossível – aquilo a que Hernán Ulm (2014) chama, em sua tese, “a fenda incomensurável entre a literatura e o cinema.”

PALIMPSESTO

4) No polêmico texto “A crítica como papel de bala”, Flora Süssekind reúne considerações acerca do que identifica como uma retração da crítica – um “fechamento

autoafirmativo do campo literário” (SÜSSEKIND, 2013) –, bem como o esvaziamento da dimensão social da literatura nas últimas décadas. Além disso, a pesquisadora alude à premente necessidade da afirmação de outros espaços de atuação e trânsito que deem visibilidade às novas práticas artísticas da contemporaneidade, que no artigo “Objetos verbais não identificados” são delimitadas a partir de sua reflexão sobre as chamadas “formas corais” – “obras onde se cruzam falas, ruídos e gêneros, [e] conectam-se a uma linhagem instabilizadora” (SÜSSEKIND, 2013). Em seu trabalho “Poesia no século XXI: Modos de ser, modos de ver”, a senhora apresenta alguns apontamentos que convergem para os de Sússekind no que diz respeito a essa inconsonância, como na citação que faz do poeta português Ernesto Manuel de Melo e Castro:

As tecnologias vão propondo novas possibilidades inventivas, [...] tornando obsoletas as categorias estéticas não complexas e abrindo caminho para novos gêneros criativos, estabelecendo relações híbridas entre as artes da escrita e artes plásticas das formas e das cores, e possibilitando o movimento e a transformação, a anamorfose, a combinatória estocástica ou caótica ou a intersecção do espaçotempo. (MELO E CASTRO, 2006, p. 257 *apud* RIBAS, 2013, p. 53).

E, ainda, em outro momento do texto que se atém aos problemas da poesia contemporânea:

A poética da contemporaneidade precisará contemplar o dado de que cada meio possui uma poética específica (fotografia, cinema, rádio, TV, robótica etc.), mas que deve abrir espaço a uma poética multimídia, a exemplo do hipertexto, o que incide diretamente na inclusão de novos gêneros textuais, nas questões de produção, leitura, recepção e estética na comunicação – orientação que, por sua vez, abrirá espaço para novas poéticas e consolidação da poesia. (RIBAS, 2013, p. 68).

Nesse contexto, passados alguns anos dessas ponderações, como a senhora avalia a posição da crítica na atualidade frente aos desafios impostos por práticas cada vez mais híbridas?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

Ao lidar com práticas híbridas e com uma expansão cada vez mais frequente da literatura, o princípio norteador tem sido, de um lado, não profanar o cânone e, de outro, manter o domínio e a decorrente ilusão de conforto que advêm das fórmulas conhecidas. De um lado, manter a exclusividade do cânone implica excluir o que estaria fora dele e, pelo oposto, considerar o “fora da linha” seria uma quase blasfêmia. Exageros à parte, mesmo porque existe vida além dos padrões dicotômicos, estamos falando de um dilema estrutural no modo de ver que implica urgentemente uma *re-visão* de ordem teórico-metodológica.

A linha condizente com a literatura que se apresenta como “OVNI” – Objetos verbais não identificáveis –, evento cada vez mais frequente na contemporaneidade, seria, de fato, como propõe Flora Süssekind, a linha instabilizadora como força motriz. Com esse entendimento, a pecha de vulgarização, anacronismo, incongruência e desconexão à literatura expandida demonstra a reincidência da retórica padrão, a qual ignora o paradoxo que encerra: se não houvesse o parâmetro, os outros caminhos não seriam tidos como desvio. E, via de mão dupla, tomar algo como cópia faz reforçar a existência de um original.

Em *A experiência opaca: literatura e desencanto* (2012, p. 229), Flôrência Garramuño faz uma contestação à noção de originalidade como valor de inovação formal ou de distinção artística. A pesquisadora argentina chama nossa especial atenção para produções que lidam com bricolagens, procedimentos de jogos e/ou montagens, repetições, releituras e reescrituras projetados em novas configurações textuais. Hoje, cada vez mais essas projeções são feitas a partir de intervenções e manipulações de documentos e materiais exteriores à dimensão literária *stricto sensu*, documentos que guardam “restos do real” e provocam efeitos anacrônicos pela superposição de imagens na superfície da página de um livro. Caso não consideremos essa transformação ou a aloquemos sob o traço negativo de “infidelidade” à obra de partida, não estaremos enxergando a literatura em campo expandido.

PALIMPSESTO

5) Outro pensamento, subjacente aos textos críticos mencionados na pergunta anterior (ainda que por determinada obliteração), gira em torno da figura do leitor na dinâmica de debates acerca das obras artísticas na esfera pública. Para observar essa questão, é interessante mencionar o caso recente de *Torto arado* (Todavia, 2021), de Itamar Vieira Júnior, que, como demonstrou a matéria “O livro que voou nas redes”, da *Revista Piauí*, teve um trajeto *sui generis* no que se refere ao universo algorítmico. Tal fenômeno pavimentou seu sucesso de público, em detrimento de alguma dissonância no âmbito da crítica, como comprovam os textos “Os ardis da unanimidade”, de Paulo Roberto Pires, e “Espírito do tempo”, de Lígia Gonçalves Diniz, que, embora se concentre mais no novo livro do autor, *Salvar o fogo* (Todavia, 2023), também faz ressalvas a *Torto arado*. Nessa conjuntura, levando em conta a diminuição significativa dos espaços tradicionais ocupados pela crítica no passado – cadernos e suplementos de cultura em grandes jornais – e o afastamento da atividade acadêmica da vida cotidiana da grande maioria das pessoas,

como a senhora vê o estabelecimento desses novos modos de compartilhamento de leitura nas redes sociais?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

Em primeiro lugar, não considero ter havido “dissonância” no sentido negativo, pois o livro foi (e continua sendo) sucesso de público e da própria crítica. Críticas problemáticas com equívoco de ordem teórica é prática recorrente desde os primeiros impressos. São bastante conhecidas as críticas nos oitocentos cujo teor de polêmicas insolúveis chegava às raias do duelo armado. O problema não é das redes em si. No caso de Itamar Vieira Júnior, sabemos que o livro ganhou os prêmios Leya, Jabuti e Oceanos, e foi aclamado pela crítica especializada. *Torto arado* é uma experiência similar à de *Nome da Rosa*, de Umberto Eco, nos anos de 1980: juntou, de maneira não usual, massa e academia, leigos e especialistas.

Seguindo por um atalho da pergunta, gostaria de me ater à palavra “suplemento”, relativa a suplementos de cultura em grandes jornais e que reverberariam, como sintoma, na redução da atividade acadêmica no cotidiano. Gostaria de trazer o excerto de um trabalho que escrevi com a colega e amiga Carlinda Nuñez, “Diálogos contemporâneos: da palavra ao *écran*” (2016):

A estranha lógica da noção de suplemento de Jacques Derrida (1995) aplica-se à impossibilidade de totalização e, portanto, de completude perfeita. Tanto em francês quanto em português o verbo e o adjetivo suprir/suplemento significam simultaneamente um acréscimo dado a uma falta e um excedente *supérfluo*. [...] O suplemento, portanto, não está precisamente nem dentro nem fora, não se configura como ausência ou presença; configura-se fundamentalmente aquilo que suplementa, mas aponta para um acréscimo que pode ser retirado. A noção desfaz o nexo solidário e hierarquizante entre texto literário e adaptação fílmica e, em decorrência, desconstrói a ideia de necessária complementaridade em prol de um sentido totalmente acabado. (NUÑEZ; RIBAS; 2016, p. 499)

A lógica derridiana da suplementaridade fala da não centralidade, da não dependência, da não obrigatoriedade da formulação suplementar na construção do sentido daquela que suplementa. A relação entre ambas, portanto, seria de contiguidade e, brincando com os títulos dos suplementos do *Jornal do Brasil* e da *Folha de S. Paulo* – seriam uma “ilustração” de “ideias” a “mais” e que, como acréscimos não complementares do sentido do jornal, poderiam ser retirados. Foi o que aconteceu: o valor

da cultura é tido como um suplemento – um adicional que, na primeira dificuldade de manutenção política, estética ou financeira, pode ser retirado. Se, no caso dos cadernos de cultura, o risco era ser regido pela lógica do que não é efetivamente elemento constituinte, mas suplementar, a crítica nas redes sociais pode também ser arquivo corrompido ou *hackeado*, que são formas diferenciadas de apagamento. No entanto, ela tem a possibilidade de se multiplicar e ser acessada de forma ainda mais intensa que o jornal impresso, forte veículo de cultura de massa.

Os novos modos de compartilhamento nas redes têm formulação e alcance imediatos, bem como efeito multiplicador, e estão sujeitos a todas as ocorrências dos conteúdos produzidos e disponibilizados nas redes. No caso das críticas literárias, fílmicas e das artes em geral, elas não representam o interesse da maioria (correm dentro de suas bolhas algorítmicas) e continuam se mantendo no lugar de suplemento, mesmo sem essa rubrica, nem a materialidade tangível do jornal, que lhes propiciava, posteriormente, outros usos fora do conteúdo impresso.

O problema, porém, não é o suporte nem as redes *per se*. As redes são ótimas aliadas para divulgação. Atualmente, saber de um livro, do seu conteúdo, das críticas e das resenhas escritas sobre ele, fazê-lo circular e ser conhecido é muito mais rápido. Circulação e proximidade são os dois atributos da produção em série de que falava Walter Benjamin já no século passado, no famoso ensaio de 1936 sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte: circular e ficar perto são procedimentos decorrentes da repetição seriada, hoje elevada à máxima potência nas redes sociais como “repetição sediada”. O abrigo é instável, impermanente e pode ser visto na velocidade da luz, e nem tudo o que cai na rede é peixe.

O compartilhamento (nas redes) colabora, ao mesmo tempo, para o reconhecimento, a divulgação e a proximidade da matéria com o público (leitor e espectador), bem como favorece a crítica falaciosa/falastrona (não é de agora), as *fake news* (que sempre existiram), a repetição da retórica dos seguidores (caso usual) e/ou a sua derrubada, censura ou esquecimento (prática recorrente). Sempre aconteceu, em contextos diversos, mas agora alavancou o raio de alcance e intensificou o(s) efeito(s) porque o tempo entre o evento e sua informação diminuiu, tornando-se, muitas vezes, concomitante. A simultaneidade temporal é tal que, na percepção de quem lê/assiste/ouve, a informação se confunde com a vivência partilhada (por exemplo, alguém disse ou eu

ouvi, vi e vivi?). É relevante saber das críticas, ter a experiência da própria leitura e, quando quiser, voltar às redes – sendo e não sendo peixe.

PALIMPSESTO

6) Em sua extensa produção teórica, há um lugar especial para o pensamento acerca do ensino de literatura mediante contingências impelidas pelos dias atuais. Como a senhora analisa as conversas no *Twitter* sobre o ensino dos autores canônicos, como Machado de Assis – um outro caro interesse seu –, que, de tempos em tempos, retorna à ordem do dia, a exemplo da interlocução entre João Cezar de Castro Rocha e o *youtuber* Felipe Neto? No debate, o professor defendeu maior acuro na escolha das obras para cada contexto específico, sugerindo uma estratégia que privilegia pequenos textos, como crônicas, poemas e contos curtos, no intuito de apreender emocional e intelectualmente os alunos, para somente em seguida aplicar os clássicos, também selecionados com cautela – textos lúdicos, como o conto “Um apólogo” ou a instigante novela “O alienista”, de Machado de Assis, entre outros. É possível ser otimista em relação a um alargamento das experiências literárias – até mesmo por meios desses canais de comunicação – com investimentos em “métodos que potencializem a ‘fluência digital’ dos estudantes”, como propõe o professor?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

As novas demandas de competências e habilidades propostas pela BNCC (ainda que pareçam camuflar o apagamento da literatura), a interatividade remota e híbrida na pós-pandemia, a expansão das formas de narratividade e produção poética, bem como a emergência de novos meios técnicos de registro, processamento e transmissão de palavras, sons e imagens convocam formas inéditas de percepção e contato com os textos em circulação. Tais processos contribuem para a emergência das experiências intermediárias na produção literária contemporânea, entre elas o uso de *hiperlinks* em arquivos digitais, a experimentação verbivocovisual na tela, as interseções entre poesia, voz e locução coreográfica e a condição transcultural das adaptações literárias para cinema e HQs.

Como professora, vale colaborar não apenas para o desenvolvimento de competências e habilidades voltado à leitura integrada em diferentes mídias e linguagens, mas também para o entendimento de literatura como experiência literária. A questão é a modalidade das proposições, o contexto de aplicação e o grau de envolvimento do

alunado presente. A alternativa do colega João Cezar sugere um encaminhamento gradativo, mais sutil, que me soa como agulhadas de acupuntura mais precisas do que as oferecidas pelo *youtuber* Felipe Neto. Pode parecer que elas não atuam diretamente nos pontos esperados pelo (im)paciente, mas reverberam positivamente, num tempo variável, para quem se dispuser a ler, sentir, tocar, talvez levemente sangrar e ouvir.

Pensar em métodos – no plural – que potencializem a fluência digital dos estudantes é um investimento necessário. A captação das hibridações, a escuta para caminhar com o outro nas transposições midiáticas, entender a tessitura e o modo como as combinações e as referências entre mídias se entretecem, perceber a fluidez e a incompatibilidade das relações e, valendo a recíproca, não utilizar o meio digital somente como ferramenta para chegar ao literário são procedimentos que considero vitais nesse investimento. É vital a experiência literária.

PALIMPSESTO

7) Aproveitando a discussão anterior sobre Machado, gostaria de abordar a obra *Onze anos de correspondência: os machados de Assis* como um ponto relevante para nossa reflexão. Nesse livro, a senhora realiza uma pesquisa minuciosa sobre as correspondências de Machado, uma contribuição significativa para os interessados na vida e na produção crítica e ficcional do autor. A senhora enfatiza que não devemos buscar intimidades ou revelações pessoais ao lermos as cartas, pois encontraremos apenas o que já é conhecido. No entanto, a análise demonstra o caráter polifônico de Machado e sua capacidade de formar novas tradições. Paralelamente a essa perspectiva, a crítica literária contemporânea tem se voltado cada vez mais para as “escritas de si”, abrangendo estudos sobre diários, cartas, narrativas autobiográficas e autoficção. Observamos um crescente interesse por esses “subgêneros”, tanto nas instituições acadêmicas como entre leitores não especializados. Nesse sentido, a senhora acredita que destacar tais formas de escrita pode ser outra estratégia para atrair mais leitores para as obras canônicas? Se sim, que aspectos dos escritos biográficos de Machado de Assis podem alargar o entendimento sobre sua produção literária?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

Esse livro resultou de uma pesquisa de mais de três anos em contato com fontes primárias, em sua primeira fase: a leitura dos manuscritos da correspondência ativa e passiva de Machado durante os onze anos em que esteve na presidência da ABL. Transcrevo aqui a parte da pergunta que diz: “A senhora enfatiza que não devemos buscar

intimidades ou revelações pessoais ao lermos as cartas, pois encontraremos apenas o que já é conhecido.” Sim, vou explicar.

Quando fui indicada pela PUC para empreender essa pesquisa no Arquivo Machado de Assis do Centro de Memória da ABL, acervo que, à época, estava em fase inicial de digitalização, aceitei prontamente. Ao escolher o período (1896-1907) e lidar com a documentação epistolar correspondente, a curiosidade geral das pessoas era – primeiro ponto – o que chamei “lastro fofocal”. Eram perguntas óbvias, previsíveis, que não iluminariam os estudos machadianos e, ainda que se respondidas, continuariam a ser feitas porque esse tipo de curiosidade existe fora da pergunta. Fica na divisa entre o pesquisador e o informante.

O segundo ponto era a estratégia discursiva: nos longos maços de cartas trocadas com homens das letras – Medeiros e Albuquerque, Lúcio de Mendonça, Magalhães de Azeredo, Mário de Alencar, Joaquim Nabuco, José Veríssimo e outros –, Machado se limitava a narrar aspectos casuais, fatos corriqueiros, repetia fórmulas de polidez, parafraseava as falas dos destinatários, que, dependendo do país em que estavam, as cartas demoravam cerca de três meses para chegar de vapor.

A partir daí, o trabalho era encontrar/construir, nas missivas escritas durante onze anos aos amigos acadêmicos, “escritas de si”, e assim refiz todo o percurso. Recomecei a ler o conjunto, um de cada vez e, depois, em cotejo, buscando o contexto da emissão e da recepção, os silêncios, as omissões, as reiterações, as ausências, as fórmulas de abertura e peroração entre os missivistas, a materialidade do traço, da letra e da superfície da folha, a marca de dobras e rasuras, as expressões latinas, os trechos em francês, as abreviaturas de nomes, as assinaturas completas, as rubricas ou somente as iniciais... Enfim, não foi uma análise exclusivamente conteudística.

Na verdade, o que esse trecho da pergunta sinaliza consistiu em um método de análise que propiciou a mim conhecer mais de perto o estrategista discursivo que dizia apenas o que queria dizer, aquilo que permitiria aos outros saberem, incluindo a previsão da margem de confiabilidade. Na escrita epistolar, Machado atuava também com a empáfia, a cultura, a generosidade, o autoritarismo, a filosofia, a habilidade, a tristeza visceral e o escárnio do narrador machadiano. A dor, as crises e as outras doenças decorrentes da enfermidade vinham inscritas na superfície e na materialidade das missivas, na combinação e nas referências constitutivas do tecido epistolar.

O interesse por esses, digamos, “subgêneros” agregou algumas notas pós-pandemia: como se houvesse uma urgência de compartilhamento de humanidades, uma espécie de solidão coletiva, um afã de sentir que até os seres mais geniais, as celebridades, os especiais, os inacessíveis tropeçam, arrotam, sofrem, mentem, são “gente como a gente”. Além de, como tem sido, buscar originalidade, um detalhe ou alguém que ainda não tenha sido descoberto, ou que tenha sido esquecido; e o desejo de agregar dados, somar ao texto literário *stricto sensu* informações, aspectos, marcas que possam, de alguma forma, suplementar as leituras em circulação.

As cartas manuscritas, envelopadas, seladas e enviadas eram o amálgama da rede de sociabilidades. De elaboração mais artesanal, física, corpórea – a virtualidade era só mental –, seu efeito era mais manter os vínculos da comunicação dos missivistas do que necessariamente desenvolver o conteúdo comunicado entre eles. Ligar-se, apresentar-se, mostrar a que veio, aconselhar, ser lembrado... Tudo inscrito nos papéis. Podemos dizer: formalizadas as diferenças, qualquer semelhança é esmero da coincidência.

* * * * *

Para finalizar, gostaria de registrar meu agradecimento às editoras da *Palimpsesto*, pela minúcia da leitura e pelo atencioso acompanhamento do trabalho que venho desenvolvendo na área de Letras da nossa querida UERJ. Afinal, conforme o poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto, em *Educação pela pedra*:

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
[...]
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
[...]

Referências

- BATISTA JÚNIOR, João. O livro que voou nas redes. *Revista Piauí*, fev., 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-livro-que-voou-nas-redes/>. Acesso em: 17 maio 2023.
- BAVCAR, Eugen, NOVAES, Adauto, BRISSAC, Nelson. *O ponto zero da fotografia*. Ensaios. Rio de Janeiro: Funarte, Programa Arte sem barreiras, 2003.
- DINIZ, Lígia Gonçalves. Espírito do tempo. *Quatro Cinco Um*, abr., 2023. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/literatura-brasileira/espirito-do-tempo>. Acesso em: 19 maio 2023.
- GARRAMUÑO, Florencia. *Experiência opaca: literatura e desengano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- NUÑEZ, Carlinda Pate Fragale; RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Diálogos contemporâneos: da palavra ao écran. *Passages de Paris* (APEB-Fr), v. 13, p. 493-511, 2016.
- MELO Neto, João Cabral. A educação pela pedra. In: *Poesias Completas*. Rio de Janeiro, Ed. Sabiá, 1968. p. 7-47.
- PIRES, Paulo Roberto. Os ardis da unanimidade. *Quatro Cinco Um*, mar., 2021. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/colunas/critica-cultural/os-ardis-da-unanimidade>. Acesso em: 19 maio 2023.
- RAJEWSKY, Irina. Intermedialidade, Intertextualidade e “Remediação”. In: DINIZ, Thaïs Flores Nogueira (Org.). *Intermedialidades e Estudos interartes*. Desafios da arte contemporânea.v.1. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p.15-46.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: 7Letras: PUC-Rio, 2008.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Modos de ver, modos de ler, modos de ser: tópicos de transposição midial. In: XV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 2017, Rio de Janeiro. *Anais*: Rio de Janeiro, 2017, p. 2878-2885.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Poesia no século XXI: Modos de ser, modos de ver. *Revista Contexto*, n. 23, 2013, Dossiê Poemas do século XXI. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8244>. Acesso em: 17 maio 2023.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso; MARTONI, Alex; DINIZ, Thaïs Flores Nogueira. (Orgs.) *Estudos de Intermedialidade: teorias, práticas, expansões*. Coleção PPLIN Presente, v.3. Curitiba; CRV, 2022.

ROCHA, João Cézar de Castro. Twitter: @joaocezar1965. Jan., 2021. Disponível em: <https://twitter.com/joaocezar1965/status/1353092869503000576>. Acesso em: 17 maio 2023.

STAM, Robert. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

STAM, Robert. *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*. Ilha do Desterro Florianópolis nº 51 p. 019- 053 jul./dez. 2006.

SÜSSEKIND, Flora. A crítica como papel de bala. *O Globo*, Rio de Janeiro, abr. 2010. Seção Prosa. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/a-critica-como-papel-de-bala-286122.html>. Acesso em: 17 maio 2023.

SÜSSEKIND, Flora. Objetos verbais não identificados. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2013. Seção Prosa. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.html>. Acesso em: 17 maio 2023.

ULM, Hernán. A fenda incomensurável: literatura, cinema. *Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários Volume 29 (dez. 2015) – 1-97 – ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/pos/letras/terraroixa>

The Literary Experience as an Expanded Field: an interview with Maria Cristina Cardoso Ribas

Dr. Maria Cristina Cardoso Ribas (UERJ/FAPERJ/CNPq)ⁱ

Interviewers:

Marcela Azevedo (UERJ/CAPES)ⁱⁱ

Carla Oliveira (UERJ/CAPES)ⁱⁱⁱ

Débora Leão (UERJ/FAPERJ)^{iv}

We have the privilege of announcing, with immense satisfaction, that in the current issue of the Student Journal of the Languages and Literature Postgraduation Program (PPGL) of the State University of Rio de Janeiro we will be interviewing the esteemed professor, Dr. Maria Cristina Cardoso Ribas. This issue will be focused on the topic “Literatures and Audiovisual Narratives: Intersections and Subversions”. Her remarkable expertise in this field will undoubtedly enrich the discussions and reflections proposed in this edition.

Dr. Ribas has a PhD in Languages focused on Comparative Literature from the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and completed her postdoctoral studies in Intermediality at Federal Fluminense University (UFF). Her expertise encompasses the fields of Literature, Communication and Teacher Training, focusing on Literary Theory, Comparative Literature, Brazilian Literature, Machado de Assis, Intermediality and Interarts. With a distinguished career, she has been a full-time professor at the State University of Rio de Janeiro since 2011. Her Intermediality research is also carried out in the Incentive for Scientific Production Project (Prociência), and Dr. Ribas holds a

ⁱ Full-time professor and Assistant Coordinator of the Languages and Literature Postgraduation Program (PPGL) at the State University of Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2289-4004> | Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq/5649309114787011>.

ⁱⁱ Doctoral student in Portuguese Literature from Rio de Janeiro State University (UERJ/CAPES). Chief Editor of *Palimpsesto* Journal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7913-9686> | Email: marcelaansaloni@hotmail.com.

ⁱⁱⁱ Doctoral student in Brazilian Literature from Rio de Janeiro State University (UERJ/CAPES). Editor of *Palimpsesto* Journal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4270-9686> | Email: oliv_carla@hotmail.com.

^{iv} Masters student in Linguistics from Rio de Janeiro State University (UERJ/FAPERJ). Editor of *Palimpsesto* Journal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3267-9148> | E-mail: deboracristinaleao@gmail.com.

National Council for Scientific and Technological Development's (CNPq) Productivity in Research Grant, Level 2.

She is the author of the book "*Onze anos de correspondência: os machados de Assis*" (Eleven years of correspondence: Machado de Assis' blades, not available in English), which is the result of the research she conducted in the Machado de Assis Archive, located at the Brazilian Academy of Letters' Memorial Center. She also co-authored the book "*Leituras na contemporaneidade: olhares em trânsito*" (Contemporary readings: perspectives in motion, not available in English) alongside Dr. Paulo César Silva de Oliveira. Her current research, published in national and international specialized journals, is part of a project she heads for the Incentive for Scientific Production Project (Prociência), focusing on the analyses and discussions of literature's reinterpretations in contemporary contexts, media transpositions, literature and cinema. She actively participates in various research groups and, in 2022, founded the Research and Extension Center on Reading, Literature, and Intermediality (NuPELLI).

In this interview, we had an incredibly interesting conversation about the paths of her career, her flawless work in promoting the study of intermediality in Brazil, as well as her favorite academic fields - authorship in the works of Machado de Assis, media transposition and literary adaptations for films and cinema, intermedial research in Brazil, and the state and corporeality of Literature in the daily life of the 21st century. In the scope of this debate are subjects and authors such as João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Felipe Neto, João Cezar de Castro Rocha, Carlinda Nuñez, Flora Süssekind and others, enlivening the vital dialogue between academia and the population, between universities and people, between criticism and the media.

We fondly express our gratitude towards her for her generosity in devoting time to grant us this interview.

PALIMPSESTO

1) Considering you are currently and almost exclusively focused on Intermediality Studies, would you share with us a little about your academic career as well as the motivations that led you to become interested in this field of research?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

My academic career is completely intertwined with my life's journey, and represents, not necessarily in a harmonious way, the development of my own practices from childhood to maturity. I have always been connected to the Arts and my teenage years were spent amid books, dance, and musical instruments. This literary and artistic experience is a symptom and a result of an integrated perception of expression, representation, and analysis. Looking back at my research at UERJ, starting from my early days as an Undergraduate Research supervisor and the first SOLETRAS dossier that I edited with my colleague Paulo Cesar Oliveira in 2012, as a tribute to the late Isaías Latuf, I already find the seed of intermediality germinating in the epistemological soil of my reflections. I addressed this approach in terms of Intersemiotic Readings, thinking about intertextual games and interdisciplinary methodologies as its basis, even bringing in the Horatian *ut pictura poesis* as an anticipation of contemporary semiotics. I called the introduction of this dossier "Shifting Approaches", which I explained as an interregnum in which the forces and voices at play are logical correlations between variables, describing oscillations and operating with instabilities. Under Nietzschean inspiration, I referred to the forces in unstable contact, in permanent friction: affirmative and negative, presence and absence, verse and reverse engaging continuously in a struggle between the signifier and the signified. These are the forces present in the sign, understood as interdependent, non-submissive, and acting as a form of questioning, interacting, and sharing between subjects, as well as between literature and other arts.

In addition to those forces, other constituent elements have always emerged in my readings, such as the issue of fidelity to the original text as a criterion for valuing derived texts — an issue that requires conceptual revision grounded in the literary, concerning the effort to *compare without hierarchizing*, research which I presented at the 56th International Congress of Americanists at the University of Salamanca in 2018. This is a vital issue for literary studies: how to compare outside the hierarchical frameworks that stigmatize works in dialogue, how to understand, without merely labeling on a binary scale, the effects of hybridizations? Well, I then decided to devote myself to the rigorous study of the multiple forms that the relationship between the arts can take, beginning to understand that an interartistic proposal was unable to account for the increasingly frequent expansion of narratives across multiple media and devices, nor did the semiotic

approach seem sufficient to deal with the (always) hybrid functioning and constitution of literature. It was then that I found, through internet research, the e-book organized by Thaïs Flores Nogueira Diniz, “*Intermedialidades e Interartes, Desafios da Arte contemporânea*” (*Intermediality and Interarts – Challenges of contemporary Arts*, not available in English), volume two. By way of this publication, I became acquainted with the critical theory approach - brought to Brazil by Claus Clüver, mediated by the researcher and professor at UFMG, Thaïs F.N. Diniz – that is Intermediality. This was a key milestone in my research. I immediately sought the first volume, available as a paperback edition. This discovery alighted my interest in the literary approach to Intermediality formulated by Irina Rajewsky, from Freie Universität Berlin, one among the group of researchers who played a key part in introducing this complex and controversial theory to me. During this journey, I had the pleasure of virtually meeting the Intermedia Group of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), led by Thaïs Flores and Claus Clüver, a group I’m enrolled in. From this invaluable interaction, my research was enriched by the exchange of knowledge and studies, as well as by the experiences of my colleagues from various universities. It is essential to become aware of international research and books brought to fruition by other researchers, as well as by Brazilian universities that are entering the intermedial scene – as can be found in a detailed study by Thaïs Flores in the book we organized with Alex Martoni last year, 2022. The moral of the story is that our journey is always “in the making”, found in the healthy transformations of knowledge.

PALIMPSESTO

2) The Intermediality studies’ field is relatively new in Brazilian academia and presents a modest amount of active research groups in universities across the country. However, rigorous work has been carried out by you to consolidate research in this field within the Literature Program at UERJ, through the NuPELLI - Research and Extension Center on Reading, Literature, and Intermediality, which is under your coordination. Could you please briefly explain what your research consists of, as well as talk about the results you have obtained so far.

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

The area of Intermediality studies is relatively new worldwide, and, in fact, Brazilian work in collaboration with Claus Clüver, a pioneer in this field, makes Brazil one of the places with solid discussions on the subject. However, there is an urgent need to recognize the importance of intermedial studies and to consolidate them in our state. The Intermedia Group, based at UFMG and led by Thaïs Flores Nogueira Diniz and Claus Clüver, brings together researchers from various Brazilian universities who have been engaging in complex and urgent debates about Intermediality. There is also the National Association of Language Studies and Linguistics Graduate Programs' (ANPOLL) Intermediality: Literature, Arts and Media work group, currently coordinated by Ana Munari Domingos from Santa Cruz do Sul University (UNISC). Amid the many active researchers in Brazilian universities, I would like to mention Marcia Arbex, a full-time tenured professor at UFMG, who's focused on word/image studies and who is the main translator of Liliane Louvel, from the University of Poitiers; Ana Luiza Ramazina-Ghirardi from Unifesp; Angelica Amâncio from the Lyon III University; Brunilda Reichmann and Greicy Bellin from Uniandrade (Campos de Andrade University); Cristine Fickelscherer de Mattos from UPM (Mackenzie Presbyterian University); Miriam Vieira from UFSJ (Federal University of São João del-Rei); Alex Martoni from PUC-Minas (Pontifical Catholic University, in the state of Minas Gerais). Regarding international representatives, I cannot fail to mention the work of researcher Irina Rajewsky from the Freie Universität Berlin, with her literary approach to Intermediality and her theoretical and methodological revisions that continue to be relevant after 25 years, as well as the late Lars Elleström from the Linnaeus University in Sweden, who provided a powerful foundation for the Intermedia Group's studies. From his extensive and systematic formulation, I would like to highlight four media modalities - material, sensory, temporal-spatial and semiotic - which have contributed significantly to the field of perception studies, surpassing a merely cognitive model. Unfortunately, Lars passed away suddenly last year. Nevertheless, we had the honor of including one of his studies in the book we organized in 2022, dedicated to his memory, entitled "*Estudos de Intermedialidade: teorias, práticas, expansões*" (Intermediality Studies: theories, practices and expansions, not available in English), which brings together recent works from various researchers. I also want to mention Jørgen Bruhn, a professor of

Comparative Literature at the same Swedish university, and James Cisneros, a professor at the Faculty of Arts and Sciences in the Department of World Languages and Literature and a member of the *Centre de recherches intermédiales sur les arts, les lettres et les techniques* in Montreal.

Due to this journey through and immersion in intermedial research, I have worked hard to strengthen this essential field of knowledge in the area of Languages at UERJ and to contribute as much as possible to embracing the diverse interests of undergraduate and postgraduate students focused on all kinds of media relationships. In the entry I authored titled – “Text” - in the book “(Novas) palavras da Crítica” (New words from Criticism, 2021), organized by José Luís Jobim, Nabil Araújo and Pedro Sasse, I even introduced the concept of “configuration” and “text” in accordance with Clüver and Rajewsky’s publications.

The NuPELLI - Research and Extension Center on Literature, Reading, and Intermediality - is the actualization of a long-standing dream that is coming together. In terms of research, it is linked to my work for the Incentive for Scientific Production Project (Prociência) and the National Council for Scientific and Technological Development’s (CNPq) Productivity in Research Grant (Level 2), which I have brought to graduate courses at FFP (Teacher Training School, hosted by Rio de Janeiro State University, UERJ) and in courses offered at PPLIN (Linguistics Postgraduation Program from UERJ) and PPGL, as well as in lectures and exchanges with Lacs - Latin American and Caribbean Studies, with researcher Frans Weiser from the University of Georgia in Athens, an institutional partnership supported by an International Agreement coordinated by UERJ. Overall, NuPELLI aims to reach audiences beyond the University proper. Therefore, it has two functions: firstly, it contributes to the development of skills and abilities for integrated reading in different media and languages; secondly, it also contributes to the understanding of Literature as a literary experience not only dominated by intellect but also requiring intellectual sensitivity (Gumbrecht, 2010), attentive to the diverse materialities and connections that constitute arts and media. One of NuPELLI’s activities is the “Cestas/Sextas Intermídia” (Intermedia Fridays), which welcome a diversity of thoughts and contributions (from professors, researchers, artists, current students and alumni - those from within and outside UERJ) and is made up of various combinations, seemingly in an arbitrary order and with some level of informality. The

live broadcasts, the reading of guests' resumes, the creation of thumbnails, Facebook and Instagram posts with reading recommendations, exhibitions, comments, and Google attendance forms are carried out by undergraduate students (both scholarship recipients and volunteers), members of the group responsible for Intermedia Fridays which take place on the last Friday of the month, at 6 PM. So far, we have had seven episodes of Intermedia Fridays via Streaming Yard, which are recorded on our YouTube channel: <https://www.youtube.com/channel/UCA14Oz-TKsBt4fpf5GBYpvQ> We have two more already scheduled. An example of what the Intermedia Fridays entail is listed below:

1. *“As mil e uma noites: midialidades em Scheherazade, parte 1 – a estrutura de encaixe”* (One Thousand and One Nights: Intermedialities in Scheherazade, Part 1 - Framing) - With researcher and Professor Cristine Fickelsher de Mattos (UPM);
2. *“Os jardins de caminhos que se bifurcam – Narrativas Interativas”* (The Garden of Forking Paths - Interactive Narratives) – With Professor Pedro Sasse (UFF);
3. *“(Re)existir: a (p)arte da (n)ações esquecidas”* (To (re)exist): The (p)art of forgotten nations) – With Jefferson Medeiros - Musician, visual artist, UERJ alumni;
4. *“As mil e uma noites: midialidades em Scherazade, parte 2 – referências picturais”* (One Thousand and One Nights: Intermedialities in Scheherazade, Part 2 - Visual References) - With researcher and Professor Cristine Fickelsher de Mattos (UPM);
5. *“Introdução ao Universo poético-musical do Mediterrâneo e Oriente Médio”* (Introduction to the Poetic and Musical Universe of the Mediterranean and Middle East) – With Professor Pedro Rebello, multi-instrumentalist musician;
6. *“Além da canção: ambiências, poesia sonora e videoclipe”* (Beyond the Song: Ambiences, Sound Poetry and Music Videos) – With researcher and musician (performance and electronic music) Professor Marcus Rogério Salgado (UFRJ);
7. *“Conspiração e decadência: o Noir em perspectiva Intermidiática”* (Conspiracy and Decay: Noir from an Intermedial Perspective) – With Professor Pedro Sasse (UFF) and Mateus Assunção (UERJ undergraduate);

8. “*Dimensões do ritmo na prosa machadiana*” (The dimensions of rhythm in Machado de Assis’s prose) – With researcher and Professor Greicy Bellin (Uniandrade);
9. “*Dança, poesia, imagem: releitura coreográfica na Andaluzia do século XV*” (Dance, Poetry, Image: Choreographic Reinterpretation in 15th-century Andalusia) – With researcher, dancer, and choreographer, Professor Luciana Midlej.

Aiming to expand the audience and the activity of NuPELLI, Intermediality workshops are also being prepared for high school students at the Walter Orlandine State School in São Gonçalo. The students will have the opportunity to gain experience in artistic observation - sensory perception and synesthetic reading - of combinations and references within literary texts and in the relationship between literature and other arts and media, especially considering media transposition: a two-way process, the transformation of literature to the screens (film and TV), comics, music, etc.

PALIMPSESTO

3) During the release of a film adaptation of a literary work, it is common to observe extensive repercussions and discussions about the film's merit, often associated with its fidelity to the original book. You state that “In the migration from literature to cinema - an intermedial transposition - it is essential to understand how both media (re)create, (self)represent or slide away from reality traditionally taken as a reference, in a process not of erasure or exclusion, but of mutual enlightening” (RIBAS, 2017, p. 2881). Taking this into account, what would be the role of critical studies when facing the relationship between filmed and literary adaptations, considering the different forms of recreation, representation, and deviation from reality that occur in this process, instead of seeking absolute fidelity?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

We can expand the question of adaptation to media transposition (Raewsky, 2012) and understand it more as a process of translation than as a result obtained from this process. By doing so, we shift our viewpoint to analyzing how it was formulated (the director's project) and how such strategies worked, rather, what effects were provoked (in the reader and viewer). Considering this turning point, the concept of fidelity - which also represents a nostalgic ode to the loss of originality - loses its functionality as the absolute

valuation criterion. The impasse is not limited to filmed adaptations of literary works, although it is more visible in them due to the usual expectation of the audience that seems to desperately look for the “same text” on the screen as they read on the page and, of course, experience the familiar frustration that follows this search.

The premise of fidelity implies reproducing the starting text (I avoid calling it the *source* text) as it is and not as something else. Even representation - considered the most faithful technique – entails negotiations in transposition, considering the impossibility of complete representation between media: we are talking about different objectives, distinct media with specific materialities, multiple contexts, different authors and/or authorial teams, writers, screenwriters, directors, modes of (re)reading/watching that are not always similar. And the differences, interventions and gaps also form another text with significant potential. When faced with some examples it is important to understand the director's proposals, the production contexts, and the audience's reaction to seeing, for instance, Tim Burton's *Alice*, Luiz Fernando Carvalho's *Capitu*, Rob Marshall's *Ariel*... Is it a letdown? A reading error? An erasure of the source material?

Robert Stam (2006, p.19), in “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade” (*Theory and Practice of Adaptation: From Fidelity to Intertextuality*), states that “Terms like ‘infidelity’, ‘betrayal’, ‘deformation’, ‘violation’, ‘bastardization’, ‘vulgarization’, and ‘profanation’ proliferate in the discourse on adaptations, each word with its specific weight of disgrace”. Throughout his numerous works, the American researcher reiterates the frequency and fragility of the elegiac discourse of loss, in which the standard rhetoric laments what was lost over of what was gained. After all, seeing the text in its hybrid configuration - and not in the emphasis on fidelity to a “source” - should already be part of our ways when reading. I share now Robert Stam's well-known statement (2006, p. 22): “The ‘original’ always turns out to be partly ‘copied’ from something earlier. The *Odyssey* goes back to anonymous oral tradition, *Don Quixote* goes back to chivalric romances, *Robinson Crusoe* goes back to travel journalism, and so on *ad infinitum*...”. In regards to capturing (a supposed) reality, therefore, what is seen in the present cannot be the replica of a previous palimpsestic writing. Adauto Novaes, when discussing the (im)possibility of the mimetic relation between word and image (“*Um ponto zero da fotografia*” - *A ground zero of photography*, 2003, p. 27), transcribes a statement from the blind Slovenian photographer Evgen Bavcar: “Visibility is not,

therefore, in the object or the subject, but in the recognition that each visible thing also holds an invisible fold that needs to be re-signified at every moment and every movement”. He concludes: “To think is not to appropriate reality, it is not the intellectual appropriation of the world, but a permanent questioning that mobilizes not only the concept but also the senses, the whole body”. The statement of someone who does not have a vision of transposition as recognition but as recreation directly affects the impasse and the mistake of requiring an impossible reproduction - what Hernán Ulm (2014) calls, in his thesis, “the immeasurable gap between literature and cinema”.

PALIMPSESTO

4) In the controversial text “*A crítica como papel de bala*” (Criticism as a Candy Wrapper), Flora Süssekind considers what she identifies as a retraction of criticism - a “self-affirmative closure of the literary field” (SÜSSEKIND, 2013) - as well as the emptying of literature’s social dimension in recent decades. Furthermore, the author alludes to the urgent need to affirm other areas of action and transit that give visibility to new, contemporary, artistic practices, which in the article “*Objetos verbais não identificados*” (Unidentified Verbal Objects) are described in her reflection on the so-called “*formas corais*” (choral forms) – “works where speeches, noises, and genres intersect, [and] connect to a destabilizing lineage” (SÜSSEKIND, 2013). In your work “*Poesia no século XXI: Modos de ser, modos de ver*” (“Poetry in the 21st Century: Ways of Being, Ways of Seeing”), you highlight some points that merge with Süssekind's, regarding this inconsonance, such as in the citation of the Portuguese poet Ernesto Manuel de Melo e Castro:

Technologies propose new creative possibilities, [...] turning non-complex aesthetic categories obsolete and paving the way for new creative genres, establishing hybrid relationships between the arts of writing and the fine arts of forms and colors, and enabling movement and transformation, *anamorphosis*, stochastic or chaotic combinatorics or the intersection of space-time. (MELO E CASTRO, 2006, p. 257 *apud* RIBAS, 2013, p. 53)

As well as, in another stage in the text, when you address the issues of contemporary poetry:

The poetics of contemporaneity will need to contemplate the fact that each medium has a specific poetics (photography, cinema, radio, TV, robotics, etc.), but it must make room for multimedia poetics, such as hypertext, which directly impact the inclusion of new textual genres, issues of production, reading, reception, and aesthetics in communication. This orientation, in turn, will pave the way for new poetics and the consolidation of poetry. (RIBAS, 2013, p. 68)

In this scenario, after a few years of such considerations, how would you position criticism today, addressing the challenges posed by these increasingly hybrid practices?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

When dealing with hybrid practices and an increasing expansion of literature, the guiding principle has been, on the one hand, not to desecrate canon, and, on the other hand, to maintain control and the resulting illusion of comfort that comes from familiar formulas. On the one hand, maintaining the exclusivity of canon implies excluding whatever cannot be contained by it. On the other hand, considering what lies ‘beyond the line’ would be almost blasphemous. Exaggerations aside, should we be able to move past dichotomous patterns, what is in question is a structural dilemma in perspectives that urgently requires theoretical and methodological revision. Research consistent with literature that presents itself as “UVOs” - Unidentifiable Verbal Objects - an increasingly frequent event in contemporaneity, would indeed, as proposed by Flora Süssekind, be a driving force in destabilizing this line. With this understanding, the stigma of vulgarization, anachronism, inconsistency and disconnection from expanded literature demonstrates the recurrence of standard rhetoric. This rhetoric ignores the paradox it construes: if there were no parameter, the other paths would not be considered deviations. And, it works both ways, addressing something as a copy reinforces the existence of an original.

In “*A experiência opaca: literatura e desencanto*” (The Opaque Experience: Literature and Disenchantment; 2012, p. 229), Florência Garramuño contests the approach of originality as a value of formal innovation or artistic distinction. The Argentine researcher draws our attention to artistic works that deal with bricolages, game procedures and/or assemblages, repetitions, reinterpretations and rewriting set into new textual configurations. Nowadays, more and more of these projections are made from interventions and manipulations of documents and materials external to the literary dimension *stricto sensu*, documents that hold “traces of reality” and provoke anachronistic effects by overlapping images on the surface of a book's page. If we do not consider this transformation or if we categorize it negatively as ‘infidelity’ to the original work, we limit our vision of literature as a broad field.

PALIMPSESTO

5) Another underlying thought in the critical texts mentioned in the previous question (although somewhat obliterated) revolves around the depiction of the reader within this

dynamic of debates about artistic works in the public sphere. To observe this issue, it is interesting to mention the recent case of “*Torto Arado*” (Crooked Plow, Verso Ed., 2023) by Itamar Vieira Júnior, which, as demonstrated in the article by *Revista Piauí* (Piauí Magazine) titled “*O livro que voou nas redes*” (“The book that spiked online”), had a unique trajectory in the algorithmic universe. This phenomenon paved the book’s path to public success, despite some dissonance from critics, as evidenced by the texts “*Os ardis da unanimidade*” (The ruses of consensus) by Paulo Roberto Pires, and “*Espírito do tempo*” (Spirit of the time) by Lígia Gonçalves Diniz, which, although more focused on the author’s new book, “*Salvar o fogo*” (Saving the fire, not available in English, Todavia, 2023), also makes remarks about Crooked Plow. In this context, considering the significant reduction of traditional spaces occupied by critics in the past – culture columns and supplements in major newspapers – and the segregation of academic activity from the daily lives of most people, what’s your opinion about these new modes of sharing reading experiences on social networks?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

First and foremost, I do not consider it to have had any “Dissonance” in the negative sense, as the book was (and continues to be) a success with the public and with critics alike. Problematic criticisms with theoretical misconceptions have been a recurring practice since early printed works. Critics from the nineteenth century, in which the nature of unsolvable controversies reached the brink of armed duels, are well known. The problem does not lie in social networks themselves.

In Itamar Vieira Júnior’s case, we know that the book received the Leya, Jabuti, and Oceanos awards and was acclaimed by specialized critics. Crooked Plow is a similar experience to that of Umberto Eco’s *The Name of the Rose* in the 1980s: namely in that it brought together, in an unusual way, the masses and academia, uninitiated and experts.

Taking a cue from your question, I would like to focus on the word “supplement”, relating to cultural supplements in major newspapers, which reverberate as a symptom of the reduction of academic activity in daily life. I would like to bring an excerpt from a publication I wrote with my colleague and friend Carlinda Nuñez, “*Diálogos contemporâneos: da palavra ao écran*” (Contemporary Dialogues: From Word to Screen) (Passages de Paris, No.13, 2016):

The strange logic of Jacques Derrida’s conception of supplement (1995) applies to the impossibility of totalization and, therefore, perfect completeness. Both in French and Portuguese, the verb and the adjective ‘suprir/suplemento’ (supply/supplement) simultaneously mean an addition given to a lack and a superfluous addition. [...] The supplement, therefore, is not precisely inside or outside, it does not configure itself as absence or presence; it shapes itself as

fundamental to what it supplements but points to an addition that can be withdrawn. The notion undoes the connection of similarity and hierarchy between literary text and film adaptation and, consequently, deconstructs the idea of necessary complementarity in favor of a completely finished meaning.

The Derridean logic of supplementarity speaks to the non-centrality, non-dependency and non-obligation of the supplementary formulation to the construction of meaning of what it supplements. The relationship between both, therefore, would be one of contiguity, and, playing with the titles of *JB's* and *Folha's* (two famous newspapers in Brazil) supplements – would be an 'illustration' of 'additional ideas' that, as non-complementary additions to the meaning of the newspaper, could be removed. And that's what is at play: the value of culture is considered a supplement – an addition that, at the first sign of difficulty, be it political, aesthetic, or financial, can be removed. If, in the case of culture sections in newspapers, the risk was to be governed by the logic of something that is not actually a constitutive element but a supplement, criticism on social networks can also be a corrupted or hacked file, which are different forms of erasure. However, they have the possibility of multiplying and being accessed in a more intense way than the printed newspaper, a strong vehicle of mass culture.

The new modes of sharing on social networks have immediate formulation and reach, a multiplying effect, and are subject to all occurrences of the content produced and made available on the networks. In the case of literary, film, and arts reviews, they do not represent the interest of the majority (they run within their algorithmic bubbles) and remain in the role of supplement, even without having this label or the tangible materiality of the newspaper, which later provided other uses outside of the printed content. However, the problem is not the medium, nor the networks per se. Networks are great allies for circulation. Today, learning about a book, its content, the written reviews and critiques about it, and its circulation is much faster. Circulation and proximity are the two attributes of serial production that Walter Benjamin spoke of in the last century, in the famous 1936 essay on the technical reproducibility of the work of art: to circulate and to stay close are procedures resulting from serial repetition, now elevated to maximum power on social networks as 'situated repetition'. The shelter is unstable, impermanent, and can be seen at the speed of light. And not everything that falls into the net is fish.

Sharing on social networks collaborates, at the same time, to bringing recognition, propagation, and closeness of a given matter with the public (reader and viewer), as well

as favors fallacious/talkative criticism (which is not new), fake news (which has always existed), the repetition of followers' rhetoric (usual case), and/or its overthrowing, censorship or oblivion (recurring practice). This has always happened, in various contexts, but now the reach has been extended, and the effects have intensified because the time between the event and its information has decreased, becoming nearly simultaneous; and such is the temporal simultaneity that, in the perception of those who read/watch/listen, the information merges with the shared experience (like: someone said it or I heard/saw/lived it myself?). It is important to be acquainted with criticisms, to have the experience of reading something oneself, and, occasionally, to return to social networks – being and not being a fish in the net.

PALIMPSESTO

6) In your extensive theoretical production, there is a special place for thinking about teaching Literature, considering the contingencies driven by our current time. How do you analyze the conversations on Twitter on teaching of canonical authors, such as Machado de Assis – another dear interest of yours –, which from time to time returns to the agenda, as exemplified by the dialogue between João Cezar de Castro Rocha and the YouTuber Felipe Neto? In the debate, the professor advocated for a more careful selection of works for each specific context, suggesting a strategy that prioritizes short texts – such as chronicles, poems and short stories – with the aim of emotionally and intellectually engaging students, and only then introducing classics, also chosen with caution – playful texts, like the short story “*Um apólogo*” (An Apologue) or the intriguing novella “*O alienista*” (The Alienist) by Machado de Assis, among others. Is it possible to be optimistic about broadening literary experiences – even through these communication channels – by investing in “methods that enhance students' digital fluency”, as the professor proposes?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

The new demands for skills and abilities proposed by the BNCC (Brazilian National Common Curriculum Base) (even though they may seem to camouflage the obliteration of literature), the remote and hybrid interactivity in post-pandemic era, the expansion of narrative forms and poetic production, the emergence of new technical means for recording, processing, and transmitting words, sounds and images, all urge for new forms of perception and engagement with texts in circulation. These processes contribute to the emergence of intermedial experiences in contemporary literary production, including the use of hyperlinks in digital files, verbal and visual

experimentation on the screen, intersections of poetry, voice, choreographic recitation, and the transcultural condition of literary adaptations for cinema and graphic novels. As a professor, it is worth contributing - both to the development of skills and abilities for integrated reading in different media and languages and to the understanding of Literature as a literary experience. The issue lies in the modality of the propositions, the context of application, and the degree of involvement of the students in question. The alternative proposed by João Cezar suggests a gradual, more subtle approach, which seems to me like more precise acupuncture needles than those offered by YouTuber Felipe Neto. They may not seem to directly target the expected points of the (im)patient, but they reverberate positively, in a variable time, for those who are willing to read, feel, touch, perhaps bleed a little and listen. Thinking about methods - plural - that enhance students' digital fluency is a necessary investment. Capturing hybridizations, listening to accompany others in media transpositions, understanding the texture and the way combinations and references between media interweave, perceiving the fluidity and incompatibility of relationships, and, bilaterally, not using the digital medium solely as a tool to reach the literary are procedures that I consider vital in this investment. The literary experience is vital.

PALIMPSESTO

7) Taking advantage of the previous discussion about Machado de Assis, I would like to address the work *“Onze anos de correspondência: os machados de Assis”* (Eleven years of correspondence: Machado de Assis' blades, not available in English) as relevant for our reflection. In this book, you conduct meticulous research on Machado's letters, a significant contribution to those interested in the author's life as well as his critical and fictional production. You emphasize that we should not seek intimacies or personal revelations when reading the letters, as we will find only that which is already known. However, the analysis demonstrates Machado's polyphonic nature and his ability to form new traditions. In parallel to this perspective, contemporary literary criticism has increasingly focused on “writings of oneself”, encompassing studies of diaries, letters, autobiographical narratives and autofiction. We observe a growing interest in these subgenres, both within academic institutions and among non-specialized readers. In this regard, do you believe that highlighting these forms of writing could be another strategy to attract more readers to canonical works? If so, which aspects of Machado de Assis's biographical writings can broaden our understanding of his literary production?

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

This book was the result of a piece of research that lasted more than three years in contact with primary sources, in its first phase: reading manuscripts of Machado's active

and passive correspondence during the eleven years he was in the presidency of the Brazilian Academy of Letters (ABL).

I'll transcribe here the part of the question that states: "You emphasize that we should not seek intimacies or personal revelations when reading the letters, as we will find only what is already known". Yes, let me explain.

When I was appointed by PUC (the Pontifical Catholic University) to undertake this study, in the Machado de Assis Archive, at ABL's Memorial Center, an archive that at the time was in its initial stages of digitalization, I promptly accepted. When choosing the period - 1896-1907 - and dealing with the corresponding epistolary documentation, people's initial curiosity centered on – the first point - what I called 'gossip ballast'. These questions were obvious and predictable and would not improve Machadian studies. Even if they were answered, they would continue to be asked because this type of curiosity exists beyond questioning. It lies at the border between researcher and informant. The second point had to do with discursive strategy: in these long bundles of letters exchanged with literary men - Medeiros e Albuquerque, Lucio de Mendonça, Magalhães de Azeredo, Mario de Alencar, Joaquim Nabuco, José Veríssimo and others - Machado limited himself to narrating casual aspects, ordinary facts, repeated formulas of politeness, paraphrased the words of the recipients, which, depending on the country they were in, were letters that took about three months to arrive by steamship.

From there, the aim was to find and/or build, in letters written over the course of eleven years to academic friends, 'writings of oneself'. In doing so, I retraced the entire journey. I started reading the set again, one by one, then in comparison, seeking the context of the emission and reception, the silences, omissions, reiterations, absences, opening and closing formulas among the letter writers, the materiality of figures, handwriting, the surface of the sheet, the marks of folds, erasures, Latin expressions, passages in French, abbreviations of names, complete signatures, rubrics or simple initials... in short, it was not an exclusively content-based analysis.

In fact, what this part of the issue indicates is an analytical methodology that allowed me to more closely get to know the discursive strategist who only said what he wanted to say, what he'd allow others to know, including predicting a certain margin of reliability. In epistolary writing, Machado also acted with arrogance, culture, generosity, authoritarianism, philosophy, skill, visceral sadness and mockery of the Machadian

narrator. And that the pain, crises, and other illnesses resulting from the disease were inscribed on the surface and materiality of the missives, in the combination and construction of references of the epistolary fabric.

The interest in these, let's say, subgenres, added some post-pandemic notes: as if there were an urgency to share humanities, a sort of collective loneliness, an eagerness to feel that even the most brilliant beings, celebrities, special and inaccessible people do stumble, burp, suffer, lie, that they might be people like us. Besides - as it has been - seeking originality, some detail, or someone who has not yet been discovered. Or that has been forgotten; and the desire to add data, to add to the literary text *stricto sensu*, information, aspects, marks that may, in some way, supplement the circulating texts.

And specifically, in regards to the handwritten letters, enveloped, sealed and sent, they were the merge of a network of sociability. Of a more handmade, physical, corporeal elaboration - the virtuality was only mental - its effect was maintaining the communication bonds of the letter writers, rather than necessarily developing the content communicated among them. Connecting, presenting oneself, showing what one came for, advising, being remembered... All registered-on paper. We can say: differences highlighted, any similarity... is the care of coincidence.

* * * * *

Finally, I would like to express my gratitude to the editors of *Palimpsesto*, for their meticulous reading and attentive support of the work I have been developing in the Languages and Literature department of our dear UERJ. After all, as we have in the poem "Weaving the Morning", by João Cabral de Melo Neto, in *Education by Stone*:

One rooster alone does not weave the morning:
he will always be working with other roosters.
One to pick up the cry that he
and throws it to another; another rooster
to pick up the cry of the previous rooster
and throws it to another; and other roosters
with many other roosters crossing
[...]
so that the morning, made of a soft fabric,
goes on being woven among all roosters.
[...]

Bibliography

BATISTA JÚNIOR, João. “O livro que voou nas redes”. Revista Piauí, fev., 2021. Available at: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-livro-que-voou-nas-redes/>. Accessed on: May 17th, 2023.

BAVCAR, Eugen, NOVAES, Adauto, BRISSAC, Nelson. *O ponto zero da fotografia. Ensaios*. Rio de Janeiro: Funarte, Programa Arte sem barreiras, 2003.

DINIZ, Lígia Gonçalves. “Espírito do tempo”. Revista *Quatro cinco um*, abr., 2023. Available at: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/literatura-brasileira/espírito-do-tempo>. Accessed on: May 19th, 2023.

GARRAMUÑO, Florencia. *Experiência opaca: literatura e desengano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

NUÑEZ, Carlinda Pate Fragale; RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Diálogos contemporâneos: da palavra ao écran. *Passages de Paris* (APEB-Fr), v. 13, p. 493-511, 2016.

MELO Neto, João Cabral. A educação pela pedra. In: *Poesias Completas*. Rio de Janeiro, Ed. Sabiá, 1968. p. 7-47.

PIRES, Paulo Roberto. “Os ardis da unanimidade”. *Quatro Cinco Um*, mar., 2021. Available at: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/colunas/critica-cultural/os-ardis-da-unanimidade>. Accessed on: May 19th, 2023.

RAJEWSKY, Irina. Intermedialidade, Intertextualidade e “Remediação”. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Org.). *Intermedialidades e Estudos interartes*. Desafios da arte contemporânea.v.1. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p.15-46.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: 7Letras; Puc-Rio, 2008.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Modos de ver, modos de ler, modos de ser: tópicos de transposição midial. In: *XV Congresso Internacional Abralic 2017 – Rio de Janeiro*. Anais: Rio de Janeiro, 2017, p. 2878.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. “Poesia no século XXI: Modos de ser, modos de ver”. Revista *Contexto*, n. 23, 2013, Dossiê Poemas do século XXI. Available at: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8244>. Accessed on: May 17th, 2023

ROCHA, João Cézar de Castro. Twitter: @joaocezar1965. Jan., 2021. Disponível em: <https://twitter.com/joaocezar1965/status/1353092869503000576> . Acesso em: 17 maio 2023.

STAM, Robert. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. Ilha do Desterro Florianópolis nº 51 p. 019- 053 jul./dez. 2006.

SÜSSEKIND, Flora. “A crítica como papel de bala”. *O Globo*, Rio de Janeiro, abr. 2010. Seção Prosa. Available at: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/a-critica-como-papel-de-bala-286122.html> . Accessed on: May 17th, 2023.

SÜSSEKIND, Flora. “Objetos verbais não identificados”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2013. Seção Prosa. Available at: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.html>. Accessed on: May 17th, 2023.

ULM, Hernán. A fenda incomensurável: literatura, cinema. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 29 (dez. 2015) – 1-97 – ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/pos/letras/terraroixa>